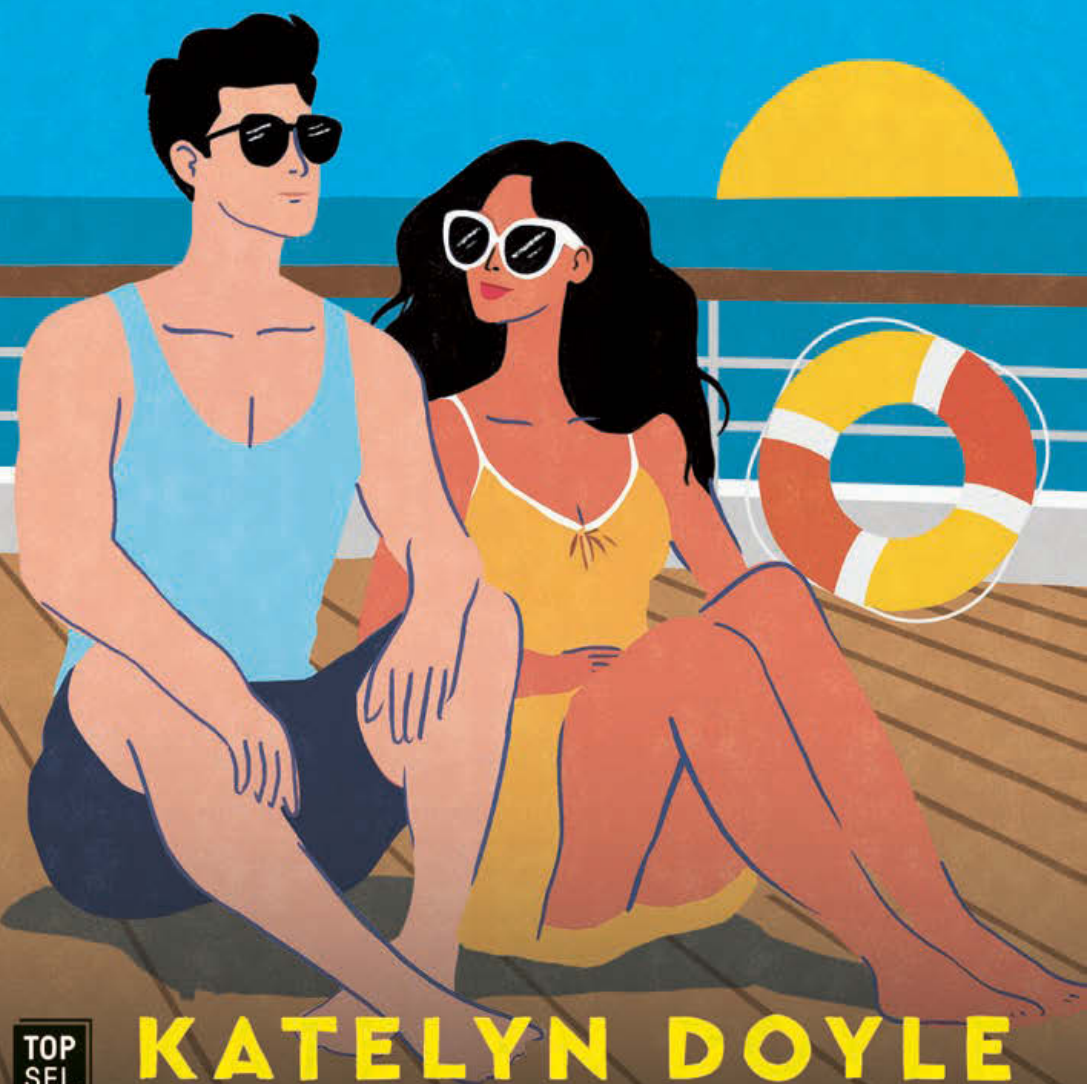


UM CRUZEIRO DE SONHO



TOP
SEL
LER

KATELYN DOYLE

Autora de Só Mais Uma História de Amor

Para a verdadeira Lauren

1

ABANDONAR O NAVIO

Hoje

NASSAU, BAHAMAS



Hope



Se nunca foste ao Señor Frog's de coração partido, não o recomendo. Beber uma margarita gelada por um tubo de plástico fluorescente já é suficientemente humilhante. Fazê-lo com lágrimas a escorrer-te pela cara é pedir demais.

Pelo meu cabelo cheio de ranho ninguém diria que houve um tempo em que eu não era o tipo de rapariga que desata a chorar sozinha num restaurante de uma cadeia de comida mexicana.

Eu costumava ser bué fixe.

Tinha aquele tipo de potencial capaz de conquistar o mundo inteiro. Um talento que fascinava as pessoas. E uma confiança capaz de dominar qualquer sala.

Até que a minha vida, que até então parecia perfeita, descarrilou por completo, e os meus esforços para me recompor acabaram, de alguma forma, por me afastar cada vez mais da pessoa que eu queria ser.

E em vez disso, acabei *assim*:

A rapariga com o rímel a escorrer pela cara, enfiada numa armadilha turística nas Bahamas que cheira a nachos, aos prantos por causa de um tipo que conheceu há menos de uma semana.

— Vai outra margarita? — pergunta o empregado de mesa, aparecendo do nada. Finge não reparar no meu colapso emocional, mas o seu olhar diz tudo: «Parece que estás mesmo a precisar.»

— Não, obrigado. Só a conta — respondo com voz trémula.

O empregado passa o meu cartão na máquina e eu seco o rosto com um guardanapo antes de sair do restaurante e me deparar com

uma cortina de humidade tão pesada e sufocante quanto uma sauna lotada de um ginásio que não prima exatamente pelo asseio.

Anseio por sombra e ar condicionado, mas não me apetece nada voltar para o cruzeiro neste estado. Até mesmo nas melhores circunstâncias, ir a pé para um navio de cruzeiro — seja ele *qual* for — vai contra a minha natureza. Mas no caso deste cruzeiro em particular, é lá que *ele* está.

Ele, com o seu rosto encantador, o cabelo escuro e despenteado, o humor seco e as coisas terríveis e ofensivas que pensa a meu respeito.

Sei que mais cedo ou mais tarde terei de voltar, mas ainda me resta uma hora de liberdade antes de zarparmos, por isso vagueio em direção ao centro da cidade.

— Menina! — grita-me uma mulher que vende artigos de artesanato numa banca. — Não fique triste. No paraíso não se chora!

— Eu estou bem — digo fungando, apesar de ainda choramingar um pouco. Paro e pego num chapéu de palha bordado com pequenas conchas que tem exposto na sua banca. — Quanto custa?

— Trinta dólares — responde.

Só tenho vinte e cinco.

— Ah, está bem — digo. — Obrigada, de qualquer forma.

Começo a afastar-me, mas a mulher acaba por ter pena de mim.

— Para si, menina triste, faço por vinte.

Agradeço-lhe, entrego-lhe o dinheiro e puxo o chapéu para baixo, de modo a cobrir-me o rosto.

Por esta altura, imagino que já seja hora de voltar ao porto. Procuo o telemóvel para confirmar o caminho, mas não o encontro na mala.

Tarde demais, lembro-me de que o deixei a carregar na mesa de cabeceira esta manhã. Devo tê-lo deixado no camarote, tal era o meu estado de desespero.

Bem, não importa. Só tenho de voltar para trás.

Infelizmente, o meu sentido de orientação é péssimo e não demoro muito a perder-me.

Entro numa tabacaria para pedir indicações e o homem atrás do balcão diz-me para virar à esquerda, depois à direita e, em seguida, caminhar durante vinte minutos.

Vinte minutos?

— Que horas são? — pergunto-lhe.

— Horas de fumar um charuto — responde ele afavelmente.

— Não, a sério. Sabe que horas são?

— São 17h21 — anuncia.

Oh, não.

Agradeço-lhe e saio disparada da loja.

— Está tudo bem — digo em voz alta para mim mesma. — Só tens de encontrar um táxi.

Mas ou não há táxis por perto ou estou demasiado nervosa para os reconhecer.

Continuo a correr, agora com as indicações gravadas na memória a ferro e fogo devido à angústia, e finalmente chego à rua junto à praia que dá diretamente para o cais. Consigo *ver* a brancura do barco a cintilar à distância.

Está *muito* longe.

Não sou do tipo de abordar desconhecidos, mas, levada pelo desespero, corro em direção a um rapaz que está a subir para a sua moto e pergunto-lhe se sabe onde posso encontrar um táxi.

Ele aponta para o porto.

— Há uma praça de táxis ali, perto dos paquetes.

Não me serve de muito.

Deve ter-se apercebido da minha angústia, porque se oferece para me dar boleia até ao porto.

Eu e as motos não nos damos bem, e a dele não parece grande o suficiente para duas pessoas, já para não falar que ele não tem capacete.

Ainda assim, aceito a boleia, agradecida.

A mota arranca bruscamente e partimos a toda a velocidade pela rua em direção ao cais.

Felix



O que fazer quando a mulher por quem te estavas a apaixonar de forma imprudente durante as férias dá cabo de todas as tuas ilusões sobre o amor?

No meu caso, alugas uma moto de água nas Bahamas e atravessas a baía como um louco, aos ziguezagues, na esperança de que a turbulência das ondas consiga exorcizar a dor.

Só que não resulta. Mas, pelos vistos, é uma boa maneira de ficar sem gasolina.

A moto de água para de repente com tal brutalidade que quase sou projetado para o mar. Carrego a fundo no acelerador, à espera de que o motor acorde por milagre e me deixe voltar à costa.

Em resposta, solta um som digno de um peido de elefante.

Que maravilha!

Estou a uns trezentos metros da praia, mas já é tarde e não há mais ninguém na água a quem possa pedir ajuda. Resta-me esperar que o funcionário da loja de surf perceba que fiquei aqui encalhado e venha resgatar-me ou ficar a boiar até morrer.

Recuso-me a morrer numa moto de água. Tiro o colete salva-vidas laranja obrigatório e agito-o no ar, acima da minha cabeça, enquanto sopro o apito de emergência preso à minha chave. Ao fim de cerca de seis minutos deste espetáculo patético, finalmente alguém na praia me vê. Um tipo da loja de surf aproxima-se numa lancha.

— Desculpe! — grita, bem-disposto, à medida que se aproxima. — Isto não costuma acontecer! Levo-o já para terra e arranjo-lhe outra moto de água! Reembolso total!

— Não é preciso — respondo. O entusiasmo por canalizar a depressão através dos desportos aquáticos desapareceu por completo.

O homem prende a mota de água sem combustível a uma corda de reboque e dirige-se para a praia a uns modestos cinco quilómetros por hora.

A sua lentidão deixa-me nervoso. Tinha planeado apenas uma hora para esta aventura e já se passaram pelo menos noventa minutos.

Tiro a mochila do cacifo que aluguei e vasculho o seu interior à procura do telemóvel para ver as horas.

São 17h09. O barco parte às 17h30.

Saio disparado da loja, em pânico, na direção do porto. Seis ruas depois, dou-me conta de que não tenho a mochila comigo. Devo tê-la deixado no banco, junto aos cacifos da loja.

Merda.

Volto para trás a correr.

Não está lá.

— Alguém encontrou uma mochila? — pergunto à funcionária.
— Deixei-a aqui há poucos minutos.

Ela olha para mim sem expressão.

— Não, lamento — responde.

O que significa que estou num país estrangeiro, sem dinheiro e sem nada que comprove quem sou, à exceção de uma elegante pulseira azul da companhia de cruzeiros, com o meu nome gravado.

E agora já são 17h16.

Chegar ao navio a tempo passou de difícil a impossível.

Está tudo bem, digo a mim mesmo. De certeza que há um período de tolerância num barco cheio de turistas idosos, atordoados pelo sol e pelo rum. O meu passaporte ainda está no barco. Só tenho de voltar ao porto, explicar a minha situação e poderei zarpar para completar esta viagem horrível.

O problema é que chego ao cais exatamente a tempo de ver o *Romance dos Mares* a afastar-se do molhe.

Agito os braços como um louco.

— Esperem! — grito aflito. — Esperem!

Outros turistas observam a cena; alguns com ar preocupado, outros a rir-se. «Olha», ouço um americano bem-disposto dizer à mulher, «um corredor».

Furo a fila à entrada da zona de embarque e, sem fôlego, encurralo um dos agentes.

— Eu devia estar naquele navio — digo ofegante. — Pode chamá-los pelo rádio e pedir que voltem?

O homem solta uma gargalhada abafada.

— Depois de zarpar, já não volta.

— De certeza que não deixariam um passageiro em terra — insisto. — Por favor, tem de haver um bote auxiliar ou...

— Ali — diz o homem, apontando para um quiosque junto às portas do porto. — É para lá que se vai quando se perde o barco.

Ah, há um protocolo. Isso acalma-me um pouco.

Corro na direção indicada.

— Olá — digo para o funcionário do quiosque. — Perdi o meu barco. Aquele senhor — aponto para o agente do cais — sugeriu que talvez me pudesse ajudar.

O homem oferece-me um sorriso compreensivo.

— Como se chama?

— Felix Segrave.

Ele acena com a cabeça.

— Sim, o navio informou-nos de que não regressou.

— Então sabiam que eu não estava e mesmo assim foram-se embora?

— Os navios não podem partir depois da hora prevista. Está no regulamento.

— Não posso apanhar um táxi aquático para os alcançar? Eu pago, claro.

— Não, senhor. Os passageiros que não embarcam têm de se encontrar com o navio no próximo porto de escala.

O próximo porto de escala é Saint-Martin, que tecnicamente fica na França. Tenho quase a certeza de que o controlo de fronteiras não aceita pulseiras de cruzeiro como documento de identificação.

— Lamento, mas não tenho o passaporte comigo — digo. — Preciso mesmo de voltar para aquele navio.

O homem abana a cabeça.

— Nesse caso, terá de contactar a sua embaixada. Posso facultar-lhe o número de telefone.

— Isto é ridículo! — Protesto. — Consigo ver o navio daqui. Demoraria cinco minutos a chegar lá numa lancha.

O homem encolhe os ombros em sinal de desculpa.

— Lamento. São as regras.

Estou prestes a argumentar que, sem dúvida, essa política de deixar um passageiro para trás num país estrangeiro, sem dinheiro e sem identificação, é uma *péssima* regra, quando ouço alguém respirar bruscamente atrás de mim.

Viro-me e deparo-me com um rosto bonito.

Um rosto bonito coberto de lágrimas e oculto por um chapéu de sol adornado com conchas. Mas não o suficiente a ponto de me impedir de ver a expressão de absoluto desprezo estampada nele.

Fico a olhar boquiaberto para a mulher que, de certa forma, causou toda essa desgraça.

— *Tu* — sibila ela.

— *Tu* — sibilo em resposta.

2

O BARCO DO AMOR

Seis dias antes

SAN JUAN, PORTO RICO



Maravilhas das Caraíbas, dia 1

Bem-vinda a bordo do *Romance dos Mares!*

É com grande prazer que lhe damos as boas-vindas a bordo para uma aventura inesquecível! Comece por fazer o check-in no seu luxuoso camarote, onde o seu mordomo pessoal se certificará de que todas as suas necessidades sejam atendidas. Depois almoce no nosso elegante salão Windswept, onde poderá desfrutar de um bufete *gourmet* pensado para agradar a todos os paladares. Às 16h00, junte-se à tripulação e aos restantes passageiros para uma recepção com champanhe no convés Lido, animada pelos ritmos tropicais da nossa talentosa banda de sete músicos, Seahorse. À noite, desfrute de um jantar no nosso restaurante de cinco estrelas, The Starboard Room, ou experimente as delícias japonesas do Inagi ou a cozinha do norte da Itália na Ligúria, os nossos restaurantes exclusivos. (É necessário fazer reserva). E, claro, não perca o espetáculo musical eletrizante *Ídolos do Palco*, às 21h00, no nosso moderno Teatro Cosmic, com um elenco de estrelas vindas diretamente da Broadway!

É uma honra tê-la a bordo. Desejamos-lhe uma viagem verdadeiramente memorável!



Hope



Já imaginaste seres convidada para acompanhar a tua melhor amiga numas férias tropicais de dez dias com tudo pago? Saltitar de ilha em ilha nas Caraíbas, aproveitar as praias de areia branca, desfrutar de tratamentos de spa luxuosos, saborear refeições *gourmet*, dormir numa *suite* luxuosa à beira-mar e ter sempre à disposição uma equipa de pessoas prontas a satisfazer todos os teus caprichos?

Parece o plano perfeito, não parece?

Mas há um pequeno senão.

A viagem é um cruzeiro.

E eu não curto cruzeiros.

Tenho pavor do norovírus, os bufetes dão-me arrepios e, sejamos francos, detesto escorregas aquáticos.

E, ainda assim, aqui estou eu, a chegar de táxi a um porto apinhado de navios brancos reluzentes, cada um do tamanho de uma avenida de Nova Iorque.

Não sejas negativa, digo a mim mesma. Vais alimentar a criatividade com sol, luxo e tempo de qualidade com a tua melhor amiga. Vais deixar de pensar no Gabe. E depois vais voltar para casa e preparar o teu grande regresso.

— Qual é o cruzeiro? — pergunta o nosso taxista.

— O *Romance dos Mares* — responde a Lauren, a minha melhor amiga.

Faço uma careta involuntária, como faço sempre que ela pronuncia o nome do navio em voz alta.

— Para com isso — protesta. — É um nome tão fofinho. Minha nossa, olha! Ali está! — Aponta para o imponente colosso à nossa frente que ostenta na lateral um logótipo com dois golfinhos frente a frente, a formar um coração.

— Adorável — respondo.

A Lauren saca do telemóvel e começa a filmar-se enquanto expressa o seu encanto pelo navio. Imagino que seja material extra para os fãs do TikTok, material que ela é obrigada a publicar em troca da nossa passagem.

Esboço um sorriso postiço e esforço-me por não pensar no *Titanic*.

O táxi para junto à zona de check-in e um bagageiro aparece rapidamente, pronto a ajudar com as malas, antes mesmo de sairmos do carro.

— Muito obrigada — digo, enquanto ele iça sem esforço a minha mala já bem gasta e os três enormes baús Louis Vuitton da Lauren para cima de um carrinho.

— O que é que levas aí dentro? — pergunto baixinho à Lauren. — O sofá?

— Sobretudo cafetãs e vestidos de gala — responde. — E, como é óbvio, equipamento de filmagem. Não posso ir a lado nenhum sem o meu aro de luz!

— Óbvio.

— Deteto aí um certo tom sarcástico, menina Lanover? Julguei que tivéssemos combinado que ias fazer-te passar por uma pessoa normal e divertires-te à grande a beber margaritas e a esturricar ao sol de mamas ao léu.

— Desculpa — digo. — Tens razão. Sinto-me oficialmente entusiasmada e feliz que nem uma criança.

— Espero bem que sim.

Passamos pela segurança e somos recebidas por um homem com sotaque europeu e modos tão elegantes que mais parecia estar a acolher membros da realeza do que uma *influencer* e a sua acompanhante. O homem inspeciona os nossos documentos, garante-nos que vamos ter uma experiência fabulosa e expressa o quanto ele e o resto da tripulação estão felizes por nos receberem, esperando que esta seja a primeira de muitas viagens.

Não me parece.

Depois conduzem-nos a uma sala de espera, onde aguardamos a nossa vez para embarcar. Olho em volta e contemplo um mar prateado.

De cabelos grisalhos, entenda-se.

— Aqui toda a gente tem, no mínimo, 60 anos — sussurro para a Lauren.

— Sim, querida. É exatamente esse o objetivo.

A Lauren está aqui por motivos estratégicos. O *Romance dos Mares* lançou um novo pacote para solteiros e ela está a fazer uma série de vídeos patrocinados sobre ele.

— Pensa bem — explicou-me ela quando me apresentou a ideia de irmos juntas. — Duas semanas presas num barco cheio de homens solteiros. É genial! Aposto que ainda vou conhecer o meu futuro marido.

— Isso não te vai deixar sem ganha-pão? — pergunto.

Lauren Rose Mathison, conhecida pelos fãs como @LaurenLuvRose, começou a dar nas vistas graças a *Man of My Dreams*, um reality show em que as concorrentes apresentam uma lista de requisitos do seu homem ideal e depois são largadas numa ilha com «candidatos» escolhidos a dedo pelos produtores. O senão? Nenhuma das mulheres sabe qual deles é, alegadamente, a sua alma gémea.

A Lauren não fez a escolha certa, mas acabou por se tornar a revelação da primeira temporada, depois de afirmar, com o seu encantador sotaque texano, que a alma gémea tinha de ser «dotada como um cavalo e podre de rica». Transformou essa notoriedade em fama nas redes sociais, publicando tutoriais sobre como flirtar e se vestir para ser irresistível, além de levar a cabo elaboradas «missões» para encontrar e conquistar um solteirão bem abastado. Entre os seus esquemas contam-se aulas em campos de golfe de luxo, biscates como hospedeira em jatos privados, assistir a conferências sobre criptomoedas e infiltrar-se em círculos de póquer com apostas elevadas.

Antes que ligue a Gloria Steinem a lamentar a morte do feminismo, convém lembrar que a *persona* da Lauren vive da ironia. Os vídeos têm a intensidade de uma repórter infiltrada numa investigação de alto risco, sempre executados com um piscar de olho cúmplice.

— Oh, deixa-te disso — diz a Lauren. — Quero mesmo um marido e, além disso, nem *toda a gente* aqui é velha. — Acena discretamente

na direção de um casal negro na casa dos 30, vestido com roupa de resort claramente cara e a irradiar aquele brilho de lua de mel, e depois para dois homens gays brancos, cheios de estilo, a rondar os 40 anos, com uma criança pequena num carrinho.

— *Millennials* de serviço — comento. — A exceção que confirma a regra.

— Olha — diz ela. — Alvos a entrar, às dez em ponto.

Sigo-lhe o olhar até um grupo de quatro homens bem-apegoados, na casa dos 50 ou 60.

— Não têm mulheres com eles e parecem cheios de dinheiro — observa a Lauren. — É aquele do casaco azul é mesmo giro. Talvez devesses apostar nele.

— Está vestido como o Thurston Howell III.

— Quem?

— O milionário da *Ilha de Gilligan*.

— Dizes isso como se fosse mau. É o nosso alvo ideal!

— Fala por ti. Eu estou aqui pelos cocktails de camarão à borla.

— Ao menos aposta na lagosta, querida. Isto é um cruzeiro de luxo. E ainda podes vir a conhecer alguém. Uma aventura é tudo o que precisas para esquecer o Gabe.

— Quem é que é mesmo o Gabe? — minto.

— Deve ser deve — responde. — Não tiveste um único encontro desde que acabaram e já se passaram oito meses.

Pudera! É no que dá apaixonares-te perdidamente por alguém que já quer escolher o nome dos futuros filhos ao terceiro encontro e, duas semanas depois de irem viver juntos, acaba contigo porque «percebeu que ainda não está preparado».

Este tipo de comportamento só faz uma rapariga perder toda a vontade de voltar a instalar o Bumble.

Como é que se cauteriza uma ferida assim tão profunda? Será assim tão estranho sentir falta de alguém que imaginaste para pai dos teus filhos, mesmo depois de te ter magoado?

Estou a seguir em frente. Só não sigo ao ritmo que a Lauren gostaria.

O pior de tudo é que, desde que acabámos, tenho andado em baixo. Falta-me a criatividade, a motivação e o apetite sexual.

E o facto de os meus pais se estarem a divorciar também não ajuda nada.

Mas estou pronta para deixar tudo isso para trás. Está na hora de mandar a depressão à fava pela relação falhada e pela carreira, que segue ladeira abaixo e sem travões.

Esta viagem serve para me reencontrar, recarregar baterias e lembrar-me de que sou o tipo de pessoa que sabe ir à luta.

— Reconheço que uma aventura até me fazia bem — digo. — Mas não penso envolver-me com um velhote a quem tenha de mudar as fraldas daqui a dez anos.

— O cavalheiro que procuramos pode muito bem contratar uma enfermeira privada para tratar disso — argumenta a Lauren. — E ficarias surpreendida com o desempenho na cama de um homem experiente.

— Hum... fica registado.

A Lauren esquadrinha a multidão à procura de outros pretendentes e identifica um sexagenário endinheirado de olhos azuis intensos, dois homens de meia-idade vestidos com roupa de golfe da cabeça aos pés e um cavalheiro muito atraente, de óculos de massa, que caminha apoiado no que é, sem dúvida, uma bengala elegante.

De repente, a Lauren solta um suspiro abafado.

— Valha-me Deus, olha para aquilo — sussurra, apontando com o queixo para o balcão de check-in. Sigo-lhe o olhar até um casal de meia-idade acompanhado por duas jovens louras bastante atraentes.

— Ui — digo. — Temos concorrência?

— Não são elas — responde em voz baixa. — *Ele*.

Uma das jovens afasta-se ligeiramente e revela um homem de 30 e poucos anos. Tem estatura média, corpo esguio e uma massa de cabelo castanho-escuro e ondulado. A t-shirt branca realça-lhe os músculos dos ombros e deixa à vista tatuagens de linhas finas e elegantes nos antebraços.

O tipo vira a cabeça e apanha-me a olhar descaradamente. Desvio o olhar tão depressa que quase me saltam os olhos das órbitas e fico mais vermelha do que um tomate.

Antes que a Lauren tenha sequer tempo de gozar ainda mais comigo, uma mulher de uniforme branco impecável aproxima-se de nós com um sorriso profissional.

— Menina Mathison, menina Lanover — diz. — É um prazer dar-lhes as boas-vindas a bordo. Sigam-me, por favor. — Indica uma passarela onde um fotógrafo aguarda junto a um fundo com o logótipo berrante do navio.

— Gostariam de um retrato de cortesia? — pergunta o fotógrafo quando nos aproximamos.

— Oh, não, muito obriga... — começo a dizer, mas a Lauren oferece-lhe um sorriso radiante.

— Adorávamos — responde, adotando aquela pose estudada que sabe que tão bem a favorece. Eu, um pouco desconfortável, fico a uns centímetros dela, com as mãos enfiadas nos bolsos dos calções de marinheiro estilo vintage, à espera que aquilo acabe depressa.

A Lauren agarra-me no braço e puxa-me para perto dela.

— Peito para a frente e queixo ligeiramente inclinado — indica. — E sorri com os olhos.

Tento seguir as instruções mesmo quando o flash me acerta em cheio na cara, deixando-me momentaneamente cega.

— Obrigada! — exclama a Lauren, entusiasmada.

Quando nos afastamos, a família com o filho bom como o milho avança para ocupar o nosso lugar.

— Tenta não partir a lente com o brilho dessa tua carranca, Felix — diz uma das irmãs (suponho que sejam irmãs, já que são praticamente iguais).

O homem sorri-lhe com ar divertido.

— Se continuas a provocar-me, *trato* de garantir que te afogas.

Ambos têm sotaque britânico.

Ai, meu Deus.

Bom como o milho e *britânico*?

Sou o tipo de nerd de literatura inglesa que se derrete por um sotaque britânico.

Algo dentro de mim acende-se pela primeira vez em muito tempo.

Demoro um segundo a perceber o que é: atração.

A Lauren dá-me uma cotovelada.

— Eu avisei.

Felix



Nem acredito que concordei com isto, penso enquanto embarco no navio de cruzeiro que vai ser a minha casa durante os próximos dez dias. Tem um ar de casino de Las Vegas misturado com um lar de idosos de luxo.

— Ficamos no piso das *penthouses* — diz a minha irmã mais nova, a Pear, enquanto nos acotovelamos todos no elevador a caminho dos camarotes. — Obrigada, mãe e pai.

— Não há melhor altura para nos darmos um mimo do que agora — diz a minha mãe. — O vosso pai e eu só celebramos quarenta anos de casamento uma vez.

— E só Deus sabe se chegamos às bodas de ouro — acrescenta o meu pai.

— Deixa-te de nos enterrar antes do tempo, Charles — responde a minha mãe com ternura.

Embora os meus pais tenham apenas 68 anos, o meu pai anda há pelo menos uma década a anunciar a sua morte iminente.

Quando o elevador para saímos para a alcatifa felpuda de um corredor decorado com aguarelas douradas do mar.

— É esta — diz a minha irmã mais velha, a Prue, apontando para a segunda porta à esquerda enquanto fala com a Pear. As duas decidiram partilhar o camarote, já que os respetivos parceiros, a Eliza e o Matty, estavam «demasiado ocupados» para virem de férias connosco.

Muito espertos, a Eliza e o Matty.

— Que tal descansarmos um pouco e encontrarmo-nos para almoçar à uma? — propõe a minha mãe.

— Até logo — digo.

Sigo pelo corredor à procura do meu camarote quando duas mulheres mais ou menos da minha idade surgem ao virar da esquina.

— Mil cento e cinquenta e um — diz a mais alta, uma loura com um sotaque americano bem carregado. — Ah, é aqui.

A outra mulher, com quem troquei um olhar por acaso no check-in, acena em concordância. É baixa, de curvas generosas, pele de um branco suave, com uma indomável massa de caracóis escuros e um rosto doce em forma de coração. Tenho uma fraqueza por cabelo encaracolado e, enfim, por curvas. Apresso-me a entrar no meu camarote antes que me vejam, para não me apanharem a olhar outra vez.

Entro numa *suite* tão palaciana que roça o pornográfico. Há uma sala que dá para um terraço sobre o oceano, um quarto com cama king-size e closet, e uma casa de banho enorme, toda em mármore. Tudo numa paleta elegante de tons cinzentos e crus.

Estou habituado ao gosto dos meus pais por férias de luxo — crescemos a viajar em primeira classe para as Maldivas e a fazer safáris no Quênia —, mas isto talvez ultrapasse tudo o que já vivi.

Batem à porta.

Abro-a e dou de caras com um homem sorridente, de fato escuro impecável, a segurar uma bandeja de prata carregada de fruta fresca.

— Sr. Segrave — diz, com simpatia. — Bem-vindo ao *Romance dos Mares*. Chamo-me Crisanto e estarei ao seu dispor durante a viagem como seu mordomo pessoal. Posso entrar?

— Claro — respondo, afastando-me para lhe ceder a passagem. Ele entra com naturalidade e pousa a bandeja sobre a mesa da sala de jantar.

— Vem de Londres — comenta. — É uma longa viagem.

— Sim, é — concordo. Deve ter decorado o perfil de hóspede que preenchi online. Impressionante.

— E você, de onde é? — pergunto.

— Das Filipinas, senhor.

— Por favor, trate-me por Felix — digo. Nunca me senti particularmente à vontade com os luxos associados à fortuna dos meus

pais. Ter um mordomo a tratar-me por «senhor» faz-me sentir numa versão moderna de *O Pequeno Lorde*.

— Muito bem, Sr. Felix — responde o Crisanto. — Permite-me que lhe mostre a *suite*?

— Claro.

Indica-me um telefone através do qual posso contactá-lo a ele e aos colegas vinte e quatro horas por dia e, de seguida, conduz-me até ao minibar e à pequena área de bar, abastecida com cerveja, champagne e vinho.

Prefiro nem imaginar a rapidez com que o meu eu de há dois anos teria despachado tudo aquilo.

— Aqui tem a carta de bebidas, se desejar — diz o Crisanto. — Terei todo o gosto em trazer-lhe o que lhe apetecer.

— Nada de bebidas fortes... Aliás, importa-se de levar o vinho? — peço. — Sou mais de *Coca-Cola Zero*.

A cafeína e as pastilhas de nicotina são os dois vícios pelos quais substituí a cerveja e o tabaco desde que deixei de beber. Consumo ambas com uma voracidade pouco recomendável. Provavelmente devia largá-las, já que ando sempre acelerado e com a mandíbula feita num oito de tanto mascar pastilha, mas assusta-me a ideia de abdicar de qualquer hábito sobre o qual tenha alicerçado a minha sobriedade.

Custou-me demasiado chegar até aqui para arriscar tudo agora, e já causei demasiado sofrimento à minha família e aos meus amigos.

Ouve-se um tilintar... a campainha.

— Ah — diz o Crisanto —, deve ser a sua camareira pessoal. Vou apresentá-la.

Abre a porta a uma jovem sorridente, de vestido cinzento impecável e avental branco.

— Sr. Felix, esta é a Belhina.

— Muito prazer — digo.

— O prazer é meu — responde ela.

— A Belhina limpará o quarto duas vezes por dia e assegurará que esteja confortável — acrescenta o Crisanto.

— Como prefere as almofadas, Sr. Felix? — pergunta ela. — Posso trazer-lhe as que quiser; duras, de penas de ganso...

— Oh, não se preocupe — digo. — As da cama são perfeitas. Mas agradeço.

— Muito bem, senhor. Peço-lhe apenas que me avise se precisar de ajuda para desfazer as malas.

— Muito obrigado.

— Deixamo-lo para que se instale com calma — diz o Crisanto.

— Não hesite em dizer-nos se houver algo em que possamos ajudar.

— Sim, sim, eu aviso.

Os dois saem e atiro-me para a cama, que está entre as superfícies mais confortáveis onde alguma vez me deitei. Gemo de prazer e, logo a seguir, ocorre-me se os vizinhos de camarote me conseguirão ouvir através da parede e pensarão que estou a masturbar-me.

Provavelmente não. Este navio é luxuoso demais para ter paredes finas. Reina um silêncio tão absoluto que consigo ouvir a minha própria respiração.

Pego no telemóvel para verificar as mensagens, sobretudo para ver se há alguma da Sophie, a minha diretora de operações, relacionada com os meus *pubs*. Por exemplo, a avisar que arderam todos nas primeiras dezoito horas sem mim.

Não há nenhuma.

Fico um pouco desiludido. Costumo acompanhar os meus negócios de muito perto e acho-me indispensável ao funcionamento diário. É a primeira vez em anos que os deixo entregues a si próprios por mais de dois dias.

Não queria fazê-lo. Foi a minha mãe que me convenceu, com o argumento de que esta viagem de aniversário podia ser a nossa última oportunidade de gozarmos umas férias em família antes de todos nos juntarmos a alguém e termos filhos.

Devo-lhe demasiado para a desiludir, mas quebrar a minha rotina durante duas semanas é a coisa mais assustadora que fiz desde que comecei o processo de desintoxicação.

Decido tomar um duche antes do almoço. Fico surpreendido com o chuveiro: faz um movimento obsceno de jato giratório, daqueles de que várias das minhas ex-namoradas teriam gostado de forma muito íntima.

Sem dúvida, ajuda-me a abstrair dos meus *pubs*.

Barro-me de protetor solar e subo até ao convés Lido, onde um batalhão de empregados vestidos de branco serve um punhado de passageiros já instalados junto à piscina. (Estão todos bastante morenos; pelos vistos, a malta mais velha não é grande fã de filtros solares.)

Sigo as indicações até ao restaurante, onde sou recebido por um bufete tão épico que ocupa três salas inteiras. Passo sem parar pela zona dos queijos, pelo balcão de marisco, pela massa feita na hora, pelo assado de borrego e por todo o tipo de pratos quentes que nem me detenho a identificar, servidos por homens de casaco branco de *chef*.

O empresário da restauração que há em mim estremece só de pensar na logística de refeições para bufete. Quanto trabalho e desperdício para servir comida medíocre. Obrigo-me, ainda assim, a não julgar. Pelo menos, é um banquete bastante opulento.

— Estamos aqui — chama uma das minhas irmãs. (Têm exatamente a mesma voz, tal como partilham o mesmo cabelo, a mesma figura e a mesma habilidade para tirar partido das dívidas alheias.)

Reparo que estão sentadas a poucas mesas das duas mulheres que vi no corredor. Ao passar por elas, ouço a de cabelo encaracolado murmurar para a amiga, entre dentes: «Detesto bufetes.»

Claramente, aquela miúda tem bom gosto.

Hope



— Não acredito que te estejas a queixar por haver comida a mais — diz a Lauren, quando me apanha a olhar de soslaio para o bufete.
— Tu *adoras* comida.

— Gosto de refeições bem pensadas — argumento. — Não da possibilidade de juntar *camembert*, puré de batata e *noodles* ao estilo de Singapura no mesmo prato, com uma dose extra de *E. coli* a acompanhar.

— Por favor. Este sítio parece mais limpo do que um consultório médico.

— Isso é porque vais àquele antro manhoso no bairro rasca.

— Fazem um Botox maravilhoso — comenta.

— De facto, tens a testa de uma criança de 8 anos.

— Obrigada! Vá, vai lá saquear o balcão do marisco ou o que quer que seja. Tu não és tu quando estás com fome.

Levanto-me para ir espreitar a comida. Decido não arriscar nas ostras cruas num cruzeiro, mas presumo que umas patas de caranguejo ao vapor não ponham o meu intestino em perigo.

Volto para a nossa mesa e encontro a Lauren a devorar um bife, a sua principal fonte de alimento.

— Olha quem acabou de se sentar — diz no que considera um sussurro, embora tenha uma voz tão estridente que parece ter engolido um altifalante. — Atrás de ti.

Olho por cima do ombro e vejo a família britânica. Viro a cabeça rapidamente antes que me apanhem a olhar, mas não sem reparar, com alguma desilusão, que o rapaz não está com eles.

— Não te preocupes — diz a Lauren. — Está no balcão das saladas.

Ele passa por nós e o prato que leva parece obra de um chef profissional. Nunca me ocorreria temperar salmão, queijo feta e beterraba com coentros. Talvez roube a ideia para o meu próximo prato.

— Pergunto-me se não trará umas pinças de cozinha no bolso — comento.

— Pois eu pergunto-me é que mais trará no bolso — responde, piscando-me o olho de forma lasciva.

— Por favor, para de dizer essas coisas antes que alguém te ouça.

— Sabes? O pai até é giro — retorque a Lauren. — Achas que o devia seduzir? Assim, arranjava-te o tipo bonzão, vocês casavam-se e eu passava a ser tua madrastra. — Faz uma pausa. — Seria uma madrastra *malvada*.

— Não, serias uma madrastra espetacular para três filhos adultos completamente devastados. Um poço de ternura.

A Lauren continua a debitar comentários sobre outros possíveis solteirões do restaurante, mas só ouço metade do que diz, concentrada em arrancar a carne das patas de caranguejo, que por sinal estão deliciosas. O entusiasmo é tanto que faço força a mais e um pedaço de carapaça sai disparado.

Solto um gritinho, viro-me e vejo que aterrou... direitinho no cabelo do tipo britânico.

— Ai, meu Deus! — exclamo, levantando-me de um salto e aproximando-me dele. — Peço imensa desculpa!

Estendo a mão por puro instinto para lhe tirar os restos do cabelo, mas recolho-a de imediato. *O que é que estou a fazer?*

Ele oferece-me um pequeno sorriso torto, tira os pedaços do cabelo e entrega-mos.

— Obrigado — diz —, mas prefiro que a comida venha no prato. As irmãs desatam a rir às gargalhadas.

— Muito bom — diz uma delas. — É bem feito. Ele merece. É um vaidoso com o cabelo.

— Diz quem gasta quatrocentas libras no cabeleireiro — responde ele.

— Quer que lhe traga um guardanapo? — pergunto.

Abana a cabeça.

— Não te preocupes. Não é nada que já não me tenha acontecido antes.

— Ele é *chef* — intervém a outra irmã. — Nem imaginas as coisas que acabam em cima dele.

— *Miudezas* — sussurra a outra, em tom melodramático. — Quer dizer «vísceras».

— Tenho a certeza de que ela sabe o que significa — acrescenta ele.

— Já agora, eu sou a Pear — diz ela. — Pear Segrave. E esta é a minha irmã Prue, os nossos pais, Mary e Charles. E, claro, já conheces o Felix.

Todos cumprimentam ao mesmo tempo.

— Muito prazer — digo. — Sou a Hope.

Por esta altura, a Lauren já se aproximou e acrescenta:

— E eu sou a Lauren. Vou tentar ajudar a Hopie a melhorar a pontaria da próxima vez que atacar um crustáceo.

A Mary ri-se. É uma mulher cheinha e bonita, como as filhas, com uma gargalhada quente e encantadora que me faz lembrar o Natal e a sidra quente.

Faz-me ter saudades da minha própria mãe, de quando a minha mãe era feliz.

— Vamos sentar-nos bem longe no jantar desta noite — intervém o Charles.

— De onde são, meninas? — pergunta a Mary.

— Nova Iorque — respondo.

— Do Texas, para ser mais precisa — diz a Lauren.

— Bem, eu não. Sou do Vermont.

— Onde fica Vermont? — pergunta a que se chama Prue.

— Em lado nenhum que importe — atira a Lauren, exatamente ao mesmo tempo que eu digo:

— Mesmo por baixo da fronteira com o Canadá, perto de Montreal.

— *Adoro* Montreal! — exclama a Prue. — Já provaste *poutine*? O Felix faz uma *poutine* excelente no *pub* dele. É ele próprio que prepara o requeijão.

— Que nojo — resmunga a Pear. — Não digas requeijão. É uma palavra horrível, não achas?

— E vocês, de onde são? — pergunta a Lauren, já que conserva uma desenvoltura social que parece ter-me abandonado depois da minha humilhação.

— De Londres — responde a Prue. — Embora os nossos pais se tenham mudado para Hampshire agora que estão mais velhos. Uma seca.

— Bem, vamos deixar-vos almoçar — digo. — Foi um prazer conhecer-vos. E, Felix, lamento mesmo ter-te...

Ele abana a cabeça e oferece-me um sorriso afável.

— O prazer foi meu — diz. — Mas evitem os camarões. Ninguém gosta de levar com uma cabeça de camarão.

— Fica registado — asseguro.

Antes que consiga fazer mais figuras, viro costas e volto ao meu lugar.

— Não acredito que tenha feito aquilo — murmuro.

— Na verdade, foi bastante inteligente — sussurra a Lauren. — Assim já quebraste o gelo e não vou ter de te arrastar pelas axilas para te apresentares.

— Sim, claro. Agora só vai pensar em mim como a totó que lhe atirou comida para a cabeça.

— Qual quê — diz a Lauren, em voz baixa. — Acho que ele gostou de ti. Não viste o sorriso? Se calhar nem preciso de destruir a família dele para conseguires dar uma queca.

Felix



Dizer que não gosto de musicais é um eufemismo simpático. Convidar-me para um espetáculo no West End é a forma mais rápida de obter um «não» como resposta. Por isso, quando a Prue me agarra pela mão depois do jantar e anuncia que vamos ver um espetáculo da Broadway, desvencilho-me do seu aperto.

A Pear aproxima-se pelo outro lado e aperta-me o bíceps com firmeza.

— Vais, *sim*, querido irmão — diz. — Vais a *tudo*.

— Exatamente — acrescenta a Prue. — Vais *divertir-te* nesta viagem nem que tenhamos de te obrigar a andar na prancha.

— Não me parece que fosses apreciar uma cela em alto-mar — respondo. — Larguem-me.

— Oh, a mim não me apanhavam. Há *imensas* mortes inexplicáveis no mar. É o lado negro da indústria dos cruzeiros — argumenta a Pear. — Li no *The Guardian*.

— Que tragédia! — exclama a Prue. — O pobre Felix afogou-se assim, do nada. Quem ficará com os *pubs* dele?

— Vendemo-los à *Pizza Express* — responde a Pear com firmeza.

— Nem tu transformarias o trabalho da minha vida numa cadeia de restaurantes — digo.

— Ai isso é que transformava. Excelente retorno do investimento.

As minhas irmãs são especialistas em investimentos e noutras manobras financeiras complexas que mal consigo acompanhar quando leio sobre elas no *Financial Times*. Na *City* de Londres são

conhecidas tanto pelo faro implacável para os negócios como por serem duas louras de beleza impressionante. São o orgulho do meu pai; eu sou a ovelha negra que trocou a universidade para «andar a perder tempo num *pub*».

Os meus dois «gastropubs» são aclamados e dão lucro, mas ele nunca me perdoará por não querer angariar centenas de milhões para «revitalizar marcas tradicionais em declínio» ou seja lá o que for que as minhas irmãs e o meu pai fazem com tanta perícia.

Também não ajuda o facto de ter feito a minha família sofrer com a minha dependência do álcool e tudo o que ela arrastou durante duas décadas.

— Está bem — digo às minhas irmãs. — Acho que aguento uns minutos a ouvir canções de musicais, se isso significar o fim desta tortura.

— O espetáculo dura uma hora — diz a Prue, animada. — Vais adorar.

Entramos num teatro amplo e mergulhado na penumbra, com sofás confortáveis de veludo dispostos em redor de mesas de *cocktail*. Um empregado de mesa aproxima-se para anotar os pedidos. As meninas pedem Manhattans; eu opto por um expresso duplo e enfio uma pastilha de nicotina na boca. Vou precisar de algum reforço para aguentar isto.

A jovem que me atirou caranguejo para o cabelo ao almoço, a Hope, senta-se com a amiga no sofá mesmo em frente ao nosso. A Prue espeta-me uma cotovelada nas costelas.

— Olha — sussurra a minha irmã. — A giraça do caranguejo.

Afasto-me ligeiramente.

— Amanhã vou acordar cheio de nódoas negras com tanta violência.

— Vai chorar para a enfermaria. Pode ser que te atenda uma enfermeira boazona. Bem precisas de dar uma queca.

— Por favor, não me fales de dar quecas.

A Pear está a folhear o programa e distrai a Prue com um comentário qualquer sobre Andrew Lloyd Webber.

Ouçõ as duas americanas a conversar à nossa frente. Inclino-me um pouco. Sei que escutar conversas alheias é má educação, mas não

resisto à curiosidade de perceber o que fazem duas mulheres jovens e atraentes num cruzeiro para sexagenários.

— Adivinha! — diz a loura. — Enquanto estavas na casa de banho, o sueco giro, o Lucas, convidou-me para beber um copo com ele no Largo Lounge às onze.

— Que bom — responde a Hope.

— Oh, olha! — continua a amiga, apontando para o programa. — Vão fazer um medley do *Chicago*. Não adoras o Bob Fosse?

— Já falámos sobre isso milhões de vezes e sabes perfeitamente que não gosto nada de musicais e que estou aqui contra a minha vontade.

«Nem mais», apetece-me dizer. Mas isso denunciaria que estou a escutá-las.

As luzes apagam-se e um homem de uniforme branco imaculado, com vistosas dragonas douradas, entra em palco sob um foco de luz. Dá-nos as boas-vindas e garante que contam com os melhores artistas, acabados de sair dos palcos da Broadway.

Pelo que vejo, não está a exagerar. Os cantores são magníficos, para quem aprecia o género, e os dançarinos exibem tal agilidade e destreza que, por momentos, quase me esqueço de como detesto isto. Sempre imaginei que o elenco de um cruzeiro fosse composto por artistas desaperados e medíocres, mas até eu reconheço o talento destas pessoas. E a beleza. Apesar de eu treinar com uma disciplina religiosa, a musculatura deles faz-me questionar a competência do meu treinador.

A parte técnica do espetáculo mantém-me interessado o suficiente para suportar números de *Cabaret* e de *O Fantasma da Ópera*, mas com *O Rei Leão* atinjo o meu limite.

— Vemo-nos de manhã — murmuro à Pear. Por sorte, nem ela ousaria interromper «Eu Mal Posso Esperar Para Ser Rei», por isso consigo escapar-me sem protestos.

Ao chegar às portas, sinto alguém atrás de mim.

Olho por cima do ombro.

É a Hope.

Saímos ambos do teatro para a luz intensa do corredor.

Ela cumprimenta-me com um aceno de mão, semicerrando os olhos por causa do brilho.

Quando a minha visão se adapta, vejo que está a usar um vestido de *cocktail* turquesa com um toque retro. Não é propriamente justo, mas realça-lhe bem a silhueta. É elegante e sedutor ao mesmo tempo, como se fosse um vestido da Joan de *Mad Men*. (Tenho pensamentos indecentes com a Joan de *Mad Men*).

— Também estás a fugir? — pergunto.

— Não aguento — responde. Depois parece arrepende-se da franqueza e acrescenta: — Desculpa. Eles são excelentes, mas teatro musical não é a minha praia.

— Não te preocupes — murmuro, baixando a voz. — Também não é a minha praia.

— Peço outra vez desculpa por te ter atirado caranguejo para o cabelo — diz. — Nunca me tinha acontecido uma coisa dessas.

— Teria sido bem mais impressionante se já tivesses experiência.

— Se quiseres, posso repetir a façanha amanhã.

— Por acaso quero. O champô deste navio é excelente. Tem aquele cheiro a mar, sabes?

Não faço ideia porque começo, de repente, a soar como um aristocrata de outros tempos. Estarei nervoso?

Ela não parece reparar.

— Adoro esse cheiro artificial a mar — concorda. — É realmente fresco.

Gosto dela. Para americana, é surpreendentemente irónica, e eu adoro pessoas irónicas. Estou prestes a perguntar se lhe apetece dar uma volta pelo convés, apanhar ar e descomprimir depois do espetáculo, quando a amiga emerge, disparada, do teatro.

— Hopie! — exclama. — Fugiste!

— Dói-me a cabeça — responde a Hope. — Vou deitar-me cedo.

A amiga olha para mim.

— Está a mentir. Diz-lhe para voltar lá para dentro.

Ergo as mãos com ar inocente.

— Nunca obrigaria ninguém a ouvir musicais.

A Hope sorri para mim.

— Boa noite, Felix. Se te despachares, ainda apanhas o medley de *Cats*.

Quando se afastam, sinto-me, de repente, grato por estar num cruzeiro. Porque, não havendo outro sítio para onde ir, sei que voltarei a ver a Hope.

E isso é tudo o que mais desejo.

3

ALGO SUPOSTAMENTE DIVERTIDO
QUE NUNCA MAIS VOLTAREI A FAZER



Maravilhas das Caraíbas, dia 2

Desfrute do seu primeiro dia em alto-mar!

Hoje, o *Romance dos Mares* navega pelas águas azul-turquesa das Caraíbas. Convidamo-la a desfrutar das vistas deslumbrantes de um dos mares mais belos do mundo a partir do nosso Panorama Lounge, onde a equipa espera por si para a mimar com bebidas e petiscos *gourmet*. O nosso professor de bridge, Alan, dará aulas a quem desejar aprender, enquanto a nossa especialista em fotografia, Clemence, estará disponível para a ajudar a aperfeiçoar a técnica atrás da objetiva. Ou talvez prefira relaxar ao sol no convés *Lido*, com uma toalha macia e uma bebida bem fresca, jogar uma partida de *pickleball* ou participar na variedade de atividades organizadas para a divertir, entreter e enriquecer a sua experiência. (Pode consultar o programa detalhado no tablet do seu camarote.)

E não perca o espetáculo desta noite *Dançando pela noite dentro*, no Cosmic Theater. No entanto, não se deite demasiado tarde, pois amanhã terá início a primeira aventura em terra, com escalas deslumbrantes costas de Antígua. (Lembre-se de reservar as excursões no balcão de informações até às 16h00).

Desejamos-lhe um excelente dia!



PODERÁ UMA PAIXÃO EM ALTO-MAR RESISTIR EM TERRA FIRME?

Hope Lanover precisa de férias. Depois de um desgosto amoroso, a sua criatividade no trabalho está a ir por água abaixo e ela sente alguma dificuldade em redescobrir a sua própria identidade. É por isso que, quando a melhor amiga a convida para lhe fazer companhia num cruzeiro de luxo em busca de um marido rico, Hope decide alinhar... apesar da sua verdadeira aversão a cruzeiros e de não ter qualquer interesse em envolver-se com os seus passageiros *mais maduros*.

Para Felix Segrave, a ideia de embarcar num cruzeiro é um autêntico pesadelo. Finalmente sóbrio, convictamente solteiro e totalmente dedicado ao seu trabalho de chef, detesta ter de abandonar o restaurante e a sua rotina. Mas quando os pais o surpreendem com uma viagem para comemorar o aniversário de casamento deles, Felix não é capaz de recusar — afinal, já lhes causou desilusões suficientes.

Conformados com a sua sorte, Hope e Felix chegam ao cruzeiro sem quaisquer expectativas... até que os seus olhares se cruzam pela primeira vez e tudo se torna muito mais interessante. De repente, a ideia de um envolvimento passageiro com um completo desconhecido nos mares das Caraíbas não parece assim tão má, mesmo com as aulas de dança de salão e as noites de karaoke que isso envolve.

Mas o que parecia ser o paraíso em alto-mar depressa se transforma numa ameaça de naufrágio romântico, quando os dois perdem o navio num dos portos e acabam encalhados um com o outro.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller_editora
f topseller.ed
penguinlivros

ISBN: 978-989-5960-44-6



9 789895 960446